

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

**O “DOUTOR BRIZOLA” PRECISA DE GENTE DE CONFIANÇA NA
FRONTEIRA! A ATUAÇÃO DE SEUS POMBOS CORREIO NA “PACATA”
JAGUARÃO**

GONÇALVES, Darlise Gonçalves de¹

Resumo:

Por muito tempo em nossa historiografia os estudos sobre o período ditatorial estiveram concentrados nas experiências desenvolvidas nos grandes centros urbanos, sobretudo no Sudeste do País, entretanto recentemente abriu-se um nicho de pesquisa voltado a pensar as vivências de atores sociais residentes em espaços periféricos e que não necessariamente tenham pegado em armas como forma de oposição. Nesse sentido, este texto versa sobre a primeira geração de redes de mobilidade atuantes na fronteira cidade de Jaguarão, interior do Rio Grande do Sul, situando-as dentro da agenda de resistências daquele período. Esses grupos estavam conectados ao grupo de exilados ligados ao ex-governador Leonel Brizola, eram responsáveis por viabilizar a passagem de informações, de materiais e dos pombos-correios, assim como, eram eles os responsáveis por auxiliar na Travessia dos perseguidos políticos para o Uruguai durante os primeiros anos de ditadura no Brasil.

Palavras-chave: Ditadura de segurança nacional; fronteira; resistências; exílio; Leonel Brizola.

Introdução

Pode-se dizer que, dado as particularidades do estado do Rio Grande do Sul, as Travessias² por essa região ocorreram desde os primeiros dias após o golpe, momento em que passaram a ser perseguidas expressivas lideranças políticas ligadas a esquerda brasileira ativas no pré-1964. Boa parte desses indivíduos se fixaram no Uruguai, convertendo capital do país em um polo do exílio brasileiro nesse primeiro momento. Dentre as figuras políticas que lá se refugiaram encontravam-se o presidente deposto João Goulart e o líder petebista e ex-governador do estado Leonel Brizola.

¹ Mestra em história, UFPel, darlisehistoriadora@yahoo.com.

² Optamos por nesse estudo adotarmos a grafia do termo Travessia com sua inicial em maiúscula por se tratar de um conceito que está para além do simples ato de transpor fronteiras geográficas ou políticas dada à complexidade do planejamento que demandava essa atividade, visando então diferenciá-lo do termo travessia que se refere à ação de atravessar algo ou alguém de um ponto a outro. Desta forma, propomos evidenciar a complexidade da teia de relações que se forjam durante a atividade de passada que é motivada por questões políticas.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Entretanto salientamos que, embora na literatura pertinente ao período o estado do Rio Grande do Sul seja apresentado enquanto um espaço de trânsito, tanto de: setores repressivos quanto de grupos de oposição à ditadura, ao serem mencionadas essas Travessias pouco ou nada se fala nestas enquanto atividades altamente complexas, e menos ainda é pontuado o protagonismo dos agentes que viabilizavam esse processo, suas conexões e investimentos para o desenlace dessa atividade.

Assim, essas Travessias são por nós definidas para além de um simples transpor de fronteiras geográficas. Estas são fruto de uma ampla rede de conexões entre diferentes setores da sociedade que vão desde a organização nacional do grupo político que organiza a rota, até simpatizantes não envolvidos diretamente com a resistência, mas que se solidarizam com a causa. Logo, sendo motivadas por questões políticas demandavam minucioso planejamento, e, em alguns casos, contar com o apoio das redes de mobilidade³ fora vital para o êxito da passada para o país vizinho. Nesse sentido, tratam-se de uma atividade complexa e que se configura em um importante mecanismo de resistência.

Diante de tal conjuntura, nos debruçaremos sobre a rede composta pelos “homens de confiança” do ex-governador do estado do Rio Grande do Sul. Esses indivíduos, por serem eles os responsáveis por fazer a conexão entre Brizola e seu grupo com os simpatizantes e membros do MNR no Brasil, ficaram conhecidos como pombos-correios. Em extenso relatório a respeito das atividades políticas do ex-governador no exílio, o CIEX aponta que “em Rivera, Santana do Livramento, *Jaguarão* e Chuy, Brizola mantém elementos de ligação com o Brasil, que operam ao que se sabe, um serviço bem organizado de “correio” entre os dois países”⁴.

Diante disso, buscaremos enxergar como sua teia de relações políticas, pessoais e laços de simpatia foram acionados em prol da resistência a ditadura de 1964, tendo como foco de análise esse micro espaço fronteiriço que a partir de suas particularidades

³ Pequenos grupos formados por duas a três pessoas que por serem conhecedoras da fronteira atuam na atividade de passada dos perseguidos, assim como viabilizando as conexões entre os exilados e os grupos que resistiam no Brasil. Em Gonçalves (2022) nos debruçamos de maneira mais detalhada nessa questão.

⁴ Arquivo Nacional. Fundo: Centro de Informações do Exterior/ CIEX. BRDFANBSBIE. Dossiê. Estudo sobre as atividades dos asilados brasileiros no Uruguai. p. 128 (grifo nosso).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

se põe em diálogo e interação com um todo mais amplo. Pois, ao estabelecerem essas conexões, essas redes passam a ser uma das múltiplas peças acionadas para a operacionalização do exílio enquanto um espaço de ação política (JANSEN; LASTRA, 2016). Nesse sentido, do ponto de vista político, a análise das diferentes trajetórias da “gente comum” que compõe essas redes, na viabilização da Travessia, pode ser compreendida para além das resistências abertas contra a ditadura. Logo, essas distintas formas de ação situam-se entre as múltiplas camadas cinzentas que se encontram entre as categorias de consenso e oposição aberta a ditadura.

1. O exílio enquanto um espaço de ação política.

Após o Golpe de 1964 o Uruguai⁵ fora eleito o “santuário preferencial do exílio brasileiro” até finais da década de 1960 (PADRÓS, et.al. 2009, p. 23-24). De acordo com Vargas (1981), só em Montevideu no início de 1965 se encontravam exilados cerca de dois mil brasileiros “e todos os dias chegavam mais, entrando clandestinamente, pela fronteira” (p.18). Em um de seus estudos Enrique Serra Padrós (2014) levanta alguns pontos que levaram a escolha pelo país vizinho, e principalmente por sua capital enquanto local de morada e rearticulação das lutas.

Primeiramente é digno de destacarmos que durante o século XX, até finais da década 1960, o Uruguai era considerado um “país de tradição democrática consolidada, plena, não reduzida a meros aspectos formais” (PADRÓS, 2014, p.95). Devido a isso, ainda de acordo com o autor, “os perseguidos políticos brasileiros, ao chegar a Montevideu, se deparavam com uma vivência de liberdade que lhes permitia desenvolver níveis de atuação, ação e contatos” (Idem. p.97), uma vez que a sociedade uruguaia os recebera muito bem “corroborando a corriqueira tradição oriental de

⁵ A pesquisadora Denise Rollenberg (1999) vai apontar a existência de duas principais gerações de exilados brasileiros: a primeira delas constituiu-se logo após o golpe e foi formada, sobretudo, por indivíduos já atuantes na vida pública, como: políticos depostos, importantes líderes sindicais e estudantis, dentre outras figuras ligadas a ebulição social dos anos anteriores. Esse primeiro grupo se fixou principalmente pela América Latina, em especial no Uruguai. Já a segunda geração formou-se logo após o AI-5 e foi composta, sobretudo, por integrantes da luta armada. Esses, diante da sucessão de Golpes ocorridos na América Latina, rumaram principalmente para a Europa.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

acolhida a quem se sentia ameaçado no seu país de origem” (Ibidem. p.97). E, no que diz respeito aos gaúchos, o laço de proximidade entre os países e aspectos da cultura partilhados também contribuíram para essa escolha.

Diante desse cenário, compreender o território gaúcho como um espaço de movimentações e articulações políticas é fundamental para conceber o papel desempenhado pelo estado na organização da repressão e da resistência. E dentre as múltiplas formas de resistência desenvolvidas no período, daremos especial destaque aos esquemas de fronteira articulado a partir do estado. Estes podem ser definidos enquanto os planos e rotas traçados pelas organizações de enfrentamento a ditadura para retirar do país seus militantes que estavam “queimados”, seja por já terem sido presos pela repressão ou por estarem em vias de ser. Essas mesmas rotas também eram empregadas na entrada de materiais no país com o intuito de continuar com a resistência, bem como, no trânsito de militantes para cursos de guerrilha ou troca de informações com setores desses grupos situados além fronteiras. Nesse sentido, foram um dos meios fundamentais para o desenvolvimento da atuação política dos exilados.

Entretanto, dado ao cenário repressivo da época e as particularidades do espaço fronteiriço, a fluidez da fronteira gaúcha não pode ser observada enquanto uma variante estanque. Todavia, em linhas gerais, estão sendo tratados aqui dois pesos distintos, coordenados pela dinâmica própria da zona de fronteira, gerando nesses espaços uma espécie de “alçapão” que hora favorecia um lado e hora outro. Dinâmica essa que demandava ainda mais articulação dos passageiros da liberdade⁶ com as redes de mobilidade locais para conseguir transpor estes limites.

Do ponto de vista político, a atuação dessas redes na viabilização da Travessia deve sim ser encarada enquanto uma atividade de resistência contra a ditadura. Embora na literatura pertinente ao período em questão sejam mencionadas as Travessias por essas fronteiras, as mesmas são comumente apresentadas como uma ação, uma rota de fuga ou o destino para o exílio. Tal definição, está muito associada a chave

⁶ Termo utilizado por Frei Betto para se referir aqueles que necessitavam atravessar a fronteira por seus esquemas. Em estudo anterior (GONÇALVES, 2022) realizamos um aprofundamento de tal discussão.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

interpretativa brasileira sobre os exílios, que de acordo com Ribeiro, “pouco mostrou sobre o deslocamento funcional do exílio ou como ele foi encarado de maneira temporária e operacional, como um momento de reorganização e ampliação da oposição no exterior [...]” (2016 B, p. 938). Diante disso, focando principalmente na experiência exilar, as redes apresentadas nesses estudos são majoritariamente as transnacionais de militância, acolhida e denúncia à ditadura, existindo ainda poucos estudos dedicados àquelas que se responsabilizaram pela acolhida e traslado no país de origem do militante.

Embora esse não seja um trabalho que trate diretamente do exílio, é impossível pensarmos as Travessias, que podem ser ou não caminhos para o exílio, desatreladas dessa discussão mais ampla, pois as redes que as viabilizam estão diretamente conectadas a ideia do exílio enquanto um espaço de ação política. E, é nesse sentido que essa lacuna interpretativa apontada por Ribeiro (2016B) vai ao encontro do nosso argumento de que, mesmo que por vezes, os atores envolvidos na atividade de passada não tomassem a dimensão política como força motriz de seus atos, o trabalho dessas redes deve sim ser encarado enquanto uma atividade de resistência contra a ditadura. Nesse sentido, insistimos na necessidade em se pensar esse ato de maneira mais complexa, conceitual atrelado a ideia de resistência, pois os caminhos que levaram até o exílio não se resumem apenas num ato de escapar da ditadura, ele também foi o destino escolhido por alguns para reunir forças e voltar à lutar, e diante disso as redes de mobilidade são um dos múltiplos elos que compõem essa corrente.

Diante do exposto, ao observarmos as Travessias pela “pacata” Jaguarão, é interessante pensarmos na figura do ex-governador enquanto a gênese da primeira geração de redes de mobilidade atuantes nessa fronteira, uma vez que a grande maioria dos nomes apurados por essa pesquisa, que por aqui transitaram, estão de uma maneira ou de outra ligados a Brizola.

Vale destacarmos que desde os primórdios de seu exílio Brizola desenvolveu intensa atividade conspiratória para a derrubada da ditadura, recebendo em suas propriedades militantes vindos de diversas partes do Brasil, mas principalmente gaúchos

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

que “eram pessoas ligadas à política convencional ou representantes de grupos revolucionários de todas as matizes” (VARGAS, 1981, p.17).

Essas pessoas adentravam o Uruguai das mais diferentes formas, mas principalmente pelas fronteiras com o estado gaúcho. Em seu livro de memórias Índio Vargas relata as dificuldades dessa passagem: “atravessar o Rio Grande do Sul, cruzar a fronteira, penetrar em território uruguaio e chegar a Montevideú, sempre representando o papel de paisano comum, não foi tarefa fácil [...] para nós sem experiência” (VARGAS, 1981, p.29). Assim, contar com uma base de apoio conhecedora da dinâmica cotidiana da região pela qual se deveria cruzar poderia ser o fator decisivo entre a liberdade e a prisão.

1.1. O cenário em que se desenrolam os fatos: Jaguarão na rota dos pombos correio

Devemos destacar que nem todos os pombos correio que por aqui passaram contaram com uma base de apoio na fronteira⁷, e que dada as dimensões desse texto vamos ater nossa narrativa a atuação das redes de mobilidade pertencentes a primeira geração⁸.

Podemos observar a atuação de duas redes de mobilidade que compõem o que chamamos de primeira geração, seu ponto de conexão é a estreita ligação de alguns de seus membros com o antigo Partido Trabalhista Brasileiro, servindo principalmente enquanto esquema de apoio para a retirada e trânsito de figuras ligadas ao PTB, bem como, aos pombos-correios de Brizola, suas atividades vão do pós-golpe até aproximadamente 1967.

A primeira rede a compor essa geração é formada por três militantes estudantis e um comerciário local filiado ao PTB, esse grupo atuou por dois anos (1964-1966).

⁷ O jornalista Flavio Tavares é um exemplo dessas investidas “na cara e na coragem”, em seu livro de memórias (1999) ele relata algumas dessas Travessias que fez “como a gente do lugar”.

⁸ A ideia de geração é aqui apresentada enquanto um elemento de periodização, uma classificação empregada pela autora para facilitar o entendimento a respeito desses grupos envolvidos na atividade de Travessia.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Segundo um de seus envolvidos as Travessias eram realizadas de barco pelo Rio Jaguarão, adotando uma postura semelhante aquela da gente do lugar que vai pescar por fins laborais ou por lazer (RICARDO, 2018).

O segundo grupo, se articula ao redor da figura do cônsul uruguaio Jorge Bittar em Jaguarão. Amigo pessoal de Brizola, o mesmo vai dispor de sua imunidade diplomática e dos recursos materiais de sua família para a realização dessas Travessias. Essa rede era composta por ele e mais dois funcionários, seu motorista particular e o recepcionista do hotel Italiano, de propriedade dos pais de Jorge. Sendo a que em termos cronológicos atuou por mais tempo durante essa primeira geração, ficando ativa até 1967.

Esse, talvez, tenha sido um dos esquemas mais importantes ativos na região, pois serviu diretamente para o transito de materiais e pessoas ligados as movimentações de insurreição coordenadas pelo MNR⁹. Todavia, embora houvesse alguns momentos de relativa calma à medida que as forças de segurança relaxavam os controles, essas Travessias estavam longe de serem simples, e ao longo dos anos elas se tornaram cada vez mais perigosas e arriscadas, fazendo com que as redes locais necessitassem ir aperfeiçoando seus métodos.

Na pesquisa realizada por Ruschel (2011), um de seus entrevistados se referiu a essas dificuldades de realizar a Travessia, relatando o episódio em que teve de atravessar no porta-malas do carro do Cônsul,

Esse contato é, e era muito difícil fazer porque, chegava a um ponto de eu ir até Jaguarão, em Jaguarão o Brizola tinha um esquema com o Cônsul do Uruguai em Jaguarão, e eu entrava na mala do carro do cônsul que atravessava a ponte, isso eu me lembro [...] era muito amigo do Brizola, que tinha todos os esquemas, né? (VARGAS, apud. RUSCHEL, 2011, p. 239).

Também faz menção ao “esquema do cônsul” o sargento Amadeu da Luz Ferreira, um dos comandantes militares da Guerrilha do Caparaó. Segundo relatou em entrevista a imprensa paranaense, os sargentos que estavam envolvidos nos preparativos para o levante estiveram em contato com Brizola durante todo o tempo,

⁹ Operação Pintassilgo (1964), Guerrilha de Três Passos (1965) e Caparaó (1967).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

primeiramente em Montevideu, e, também, após seu confinamento em Atlântida,

[...] Para chegar ao Uruguai, Brizola tinha um esquema de fronteira que utilizava o cônsul uruguaio em Jaguarão (RGS). Conta Amadeu Felipe que nesse consulado o viajante que, ao invés de pedir visto de entrada no Uruguai apresentasse uma senha, era imediatamente conduzido a uma porta secreta a uma garagem totalmente fechada. Dali, no porta malas acolchoado do carro americano do cônsul, o clandestino entrava no Uruguai, sem revista na ponte. No outro lado o carro entrava em outra garagem fechada de um hotel do esquema e o viajante ficava em um apartamento, já como hóspede. O ex-sargento Amadeu Felipe viajou assim diversas vezes¹⁰.

Podemos dizer que um dos primeiros a inaugurar essa rota, ou quem sabe seja ele um dos articuladores do esquema com o cônsul Jorge, foi o tenente Wilson Silva. Em seu livro de memórias o "Tenente Vermelho", ele relata sua partida para o Uruguai se aproveitando de um relativo "afrouxamento" da fiscalização lá pelos idos de vinte de abril de 1964. Entretanto, mesmo com a aparente "calmaria" na região fora de suma relevância a atuação das redes locais para a sua Travessia. E uma vez em território uruguaio, Silva ficou hospedado no Hotel do Cônsul¹¹, onde segundo ele já havia outros brasileiros.

Nesse curto período em que estive na região, o militante aproveitou para fazer contatos em Pelotas e Rio Branco, com o intuito de possibilitar intercâmbios entre a comunidade de exilados em Montevideu e as forças de apoio no Brasil. O cruzamento de fontes nos permite inferir que um dos "entendimentos" deixados por Silva em Rio Branco foi o Cônsul uruguaio.

Esse arranjo durou aproximadamente um ano nesses moldes, pois "o esquema foi descoberto pelas Forças Armadas do Brasil, mas jamais tornado público. Numa das prisões de alguns que haviam conhecido o sistema, houve delação e o cônsul foi

¹⁰ Arquivo Nacional. Fundo: Divisão de inteligência do departamento da policia federal. BRDFANBSBZD. p.5.

¹¹ Nesse ponto há uma incompatibilidade de informações nos relatos, sabemos pela oralidade dos Jaguarenses que o Hotel de propriedade da família do Cônsul Jorge Bittar era o Hotel Italiano, quando ao Hotel Arequita apontado por Silva como sendo o "Hotel do Cônsul" não foram encontrados outros registros.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

removido pelas autoridades de seu país para a fronteira com a Argentina”¹², conforme relatou o ex sargento Amadeu Felipe.

Ao encontro dos seus argumentos, podemos afirmar que as suspeitas levantadas por Bittar não afetavam apenas setores militares locais, os órgãos de informação da ditadura também estavam com seus olhos voltados para a pessoa do cônsul uruguaio. Em telegrama datado de abril de 1965 o embaixador brasileiro no Uruguai, Pio Correa, assinala a necessidade de substituí-lo devido a sua atuação nas Travessias, “documentos em meu poder, inclusive depoimento escrito de testemunhas direto, provam a cumplicidade do então cônsul uruguaio em Jaguarão, no trânsito clandestino de asilados brasileiros pela fronteira”¹³.

Assim, em junho do mesmo ano Jorge Bittar Abdala deixava de vez o Brasil. Com a partida do Cônsul em meados da década de 1960, essa passagem continuou a ser feita por seu motorista, que sendo um dos taxistas da praça central de Jaguarão, tornou-se o contato direto de Brizola na fronteira, mantendo o restante do esquema ativo até meados de 1967, pouco tempo após nosso colaborador 057 se envolver em um estranho incidente com a polícia uruguaia.

Considerações finais

Procuramos nesse estudo relacionar a atuação de grupos situados na fronteira Jaguarão a um processo de integração da resistência estadual, nacional e internacional. Tomando por base as dinâmicas das redes que sustentaram a atividade de Travessia dos perseguidos politicamente no Brasil para o Uruguai. Estas redes eram extremamente móveis em sua organização e operacionalidade, formadas pelos mais diferentes atores sociais, que se ligavam entre si apenas pelo desejo de salvaguardar vidas daqueles que

¹² Arquivo Nacional. Fundo: Divisão de inteligência do departamento de policia federal. BRDFANBSBZD. p.5.

¹³ Arquivo Nacional. Fundo: Divisão de Segurança de informações do Ministério das Relações Exteriores. BR DFANBSB Z4.rex. adp.60. Dossiê: Asilados Brasil/ Uruguai. p. 157.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

eram perseguidos políticos. Assim, devido ao seu principal objetivo ser a viabilização das Travessias, estas foram por nós chamadas de redes de mobilidade.

Diante desse panorama, podemos observar que estas redes eram um elo de integração dessa pacata cidadezinha de interior a uma agenda nacional e internacional, fazendo não só com que sua gente fosse protagonista deste episódio de resistência, como também esse espaço não fosse um mero coadjuvante, dadas às suas condições particulares no que tange sua geografia, cultura e relações de sociabilidade entre a gente da fronteira.

Das redes por nós observadas em estudo mais amplo (GONÇALVES, 2022), abordamos aqui de maneira sintetizada a primeira geração destas (1964 - 1967), que esteve vinculada ao trabalhismo e principalmente a figura do líder petebista Leonel Brizola. Assim, durante esses primeiros anos de ditadura, “o Brizola era a organização”¹⁴ responsável por muitas estratégias de resistência que tinham como palco essa fronteira. Estratégias essas que ao se articularem para além dos limites territoriais impostos pelo exílio, demonstravam os elos de ligação transnacional da ação política dos exilados, bem como, as margens de atuação da “gente comum” envolvida nessas redes e que “operavam ao que se sabe, um serviço bem organizado de “correio” entre os dois países”¹⁵.

Entretanto, devido a chave interpretativa a respeito do exílio brasileiro, majoritariamente difundida em nossa literatura, pouco se tem refletido a respeito das ligações transnacionais desses grupos, bem como, a operacionalização dos caminhos que levam até o exílio. Diante disso, nosso estudo visa contribuir, ainda que de maneira incipiente com tal aspecto dessa discussão, assim como, o preenchimento de uma lacuna presente na “história oficial” dessa pacata fronteira por nós abordada.

Para que não se esqueça, para que jamais aconteça!

¹⁴ Entrevista realizada pela autora com Claudio Maria Ricardo, contato telefônico ocorrido em 2018.

¹⁵ Arquivo Nacional. Fundo: Centro de Informações do Exterior/ CIEX. BRDFANBSBIE. Dossiê. Estudo sobre as atividades dos asilados brasileiros no Uruguai. p. 128 (grifo nosso).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Referências

Arquivo Nacional. Fundo: Centro de Informações do Exterior/ CIEX. Dossiê. Estudo sobre as atividades dos asilados brasileiros no Uruguai. Localização: BRDFANBSBIE.

Arquivo Nacional. Fundo: Divisão de inteligência do departamento da polícia federal. Sem título. Localização: BRDFANBSBZD.

Arquivo Nacional. Fundo: Divisão de Segurança de informações do Ministério das Relações Exteriores. Dossiê: Asilados Brasil/ Uruguai. Localização: BR DFANBSB Z4.rex. adp.60.

GONÇALVES, Darlise Gonçalves de. **Acolhei aos perseguidos: as redes de mobilidade que salvaguardavam vidas na fronteira Jaguarão (1964-1975)**. 2022. 254f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

JENSEN, Silvina; LASTRA, Soledad. Formas de exílio y prácticas represivas en la Argentina reciente (1974-1985). En ÁGUILA, G.; GARANO, S.; SACATIZZA, P.; coordenadores. **Represión estatal y violencia paraestatal en la historia reciente argentina: Nuevos abordajes a 40 años del golpe de Estado**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 2016.

PADRÓS, Enrique Serra [et.al.] (org.); **A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985)**: História e Memória. Porto Alegre: Corag, 2009.

PADRÓS, Enrique Serra. O Uruguai como alvo da ditadura brasileira de segurança nacional. **Revista Maracanan**. Rio de Janeiro. Vn.11 p. 91-110. Dezembro 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/14308>. Acesso em: 05 mar. 2022.

RIBEIRO, Maria Cláudia Bandan. Militância e exílio político: as trincheiras subterrâneas de luta. **I Colóquio Internacional Movimentos Trânsitos e Memórias**. Niterói, 4 a 6 de outubro. 2016 B.

RICARDO, Claudio Maria. **Travessia**- o protagonismo da fronteira Jaguarão- Brasil/ Rio Branco- Uruguai na rota dos passageiros da liberdade durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1973). Jaguarão, 21/09/ 2018. Entrevista concedida a Darlise Gonçalves de Gonçalves.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio entre raízes e radares**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TAVARES, Flávio. **Memórias Do Esquecimento**. São Paulo: Editora Globo, 1999.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

VARGAS, Índio. **Guerra é guerra, dizia o torturador**. Rio de Janeiro: 3º edição, Codecri, 1981.

VARGAS, Índio. Entrevista feita por Davi Arenhart Ruschel. In: Anexos, RUSCHEL, Davi Arenhart. **Entre risos e prantos**: as memórias acerca da luta armada contra a ditadura no Rio Grande do Sul. 2011. Dissertação de mestrado (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS.